

BERTOLDO DE CASTRO

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da entrevista: 31/07/2008

Qual o seu nome completo, local e data de nascimento?

Bertoldo de Castro Monteiro, nasci no Rio de Janeiro, em 19 de setembro de 1944.

Quais os nomes e atividades dos seus pais?

Meu pai era corretor e minha mãe era professora de ensino supletivo do estado [do Rio], mas na época era Distrito Federal. Eu acho que, talvez influenciado por eles, eu adquiri o hábito, na infância, de ler. Havia o hábito da leitura lá em casa, eles liam e nós tínhamos um aparelho que era uma biblioteca. Alguns livros foram do meu avô materno, que era português por nascimento e tinha vindo para o Brasil, aqui se meteu no comércio, mas quebrou a cara e voltou a exercer a profissão que exercia em Portugal, que era a de professor de Português. Então, eu ainda tenho alguns livros dele, é uma herança que eu preservo porque, graças à leitura, despertou em mim o gosto de escrever, eu passei a gostar de escrever. E uma das razões que eu fui pro jornalismo é que eu tinha a possibilidade de escrever. Mas o meu objetivo maior era fazer Literatura e acabei ficando no jornalismo. Cheguei a publicar alguns contos no *Correio da Manhã*, quando o Paulo Francis era editor do Segundo Caderno, publiquei 3 com ele e um com a Germana [de Lamare]. Depois o jornal ficou numa situação difícil e não pagavam, mas colaboração eu não fazia mais, sempre achei que seu trabalho tem que ser remunerado. Mas a minha finalidade quando entrei pro jornal era ter um campo que eu pudesse exercer a atividade de escrever, escrever e escrever constantemente, obrigatoriamente para adquirir meio pra fazer literatura. Eu sempre gostei de criar, eu acho formidável escrever. Eu gosto de escrever, ainda que prefira ler - bons autores, é lógico! O jornalismo, para mim seria essa porta. Mas eu larguei no meio do caminho e segui só o jornalismo.

Bertoldo, você não falou o nome dos seus pais.

Bertoldo Antonio Monteiro e Adelaide de Castro Pereira Monteiro.

Onde você fez os seus estudos?

Aqui no Rio, estudei nos colégios Juruena, Franco Brasileiro e tive uma passagem rápida de um ano pelo Andrews. Mas a base, onde eu me lembro de estudar mesmo, foi no [Instituto Metodista] Grambery, em Juiz de Fora. Eu fui aluno interno, fiquei cinco anos lá e é o meu colégio de referência. Quando falam no colégio em que eu estudei é o Grambery. E foi muito bom eu fui pra lá com 11, 12 anos e a melhor experiência de você estudar em colégio interno, é o fato de você poder decidir: é você quem decide. E o colégio era muito liberal, a gente podia sair e ninguém ia atrás da gente pra tomar conta. Com 12 anos, eu ia pra cidade, ia para o cinema e tudo, ninguém te vigiava. Agora se fizesse alguma coisa errada, era punido e ficava uma semana sem sair do colégio. Então, o colégio referência era o Grambery. Depois eu voltei para o Rio e já estava a hora de ingressar no Exército e fiz um "madureza". Fiz exames no [Colégio] Pedro II, depois parei e comecei trabalhar e resolvi, já trabalhando em jornal – nessa época eu andava onde? Acho que eu estava na *Última Hora* – aí pintou um vestibular de meio de ano pra PUC. Eu gostava de ler livros de História, história do Brasil, história dos países. Aí disse: "Vou fazer [o curso de] História. Eu espero viver mais 4 anos, então, passo os 4 anos na faculdade." Aí fui fazer faculdade, fiquei 4 ou 5 anos na PUC fazendo História. Eu fiz o que eu quis e isso me bastou para o exercício da profissão, porque quando eu comecei no jornal, a profissão não era regulamentada. No primeiro ano, você pedia um registro de estagiário no Ministério do Trabalho ou no sindicato. Mais 2 anos de exercício contínuo da profissão, você requeria um registro permanente e foi o que eu fiz. Parece que foi em 1970 que a profissão foi regulamentada, já tinha algumas faculdades e tudo, mas a coisa mesmo começou em 70. O pessoal era formado nas redações, tinha muito engenheiro, médico, advogado era a grande maioria das pessoas que trabalhavam na redação. Você tinha a possibilidade de ter informação nas diversas áreas, cada um na sua especialidade. Eles explicavam as coisas e isso era muito bom pra gente, principalmente, para tirar dúvidas, esclarecer alguma coisa. E as vezes esse pessoal formado numa área, por exemplo, formado em Engenharia, ia fazer matéria que tinha vínculo com a Engenharia. O JB [Jornal do Brasil] andou com um negócio desses nos anos 70 ou final dos anos 60. Eu me lembro que foi muito engraçado: eu fui para o [Hotel] Copacabana Palace num sábado e o Pierre Cardin estava aqui. Mas eu fui para fazer uma entrevista - se eu não me engano - com um bispo holandês que estava pregando a Teologia da Libertação. Muito bem: foi comigo um rapaz do JB que tinha sido seminarista, nós fizemos a entrevista, foi uma coletiva, e

ele me ajudou em algumas coisas, nós trocamos umas figurinhas. Estava eu e o Pimentel, - Fernando Pimentel que era um fotógrafo do *Correio da Manhã* - e vimos o Pierre Cardin saindo com as manequins para a praia. Eu disse: "Pimentel, isso aí vai dar matéria, vamos logo senão vão atrás da gente. Eu vou avisar o colega do JB". Eu disse pra ele: "O Pierre Cardin está indo pra praia com as manequins, você não quer ir fazer a matéria junto com a gente?" Ele respondeu: "Não, não... a minha área é Teologia". Aí fizemos sozinhos a matéria.

O *Correio da Manhã* também tinha essa coisa: você tinha uma pauta, mas se visse alguma, poderia fazer [a matéria]. Os fotógrafos também faziam muito isso: se estavam na rua e viam alguma coisa interessante, fotografavam porque o *Correio da Manhã* colocava na primeira página a melhor foto do dia. O editor descia para a redação para discutir isso, levava as fotos, apresentava, defendia uma... E a preocupação era sempre privilegiar o repórter da casa.

Mas como você entrou para o jornal?

Bem, eu dava de reforço para crianças de curso primário, pois minha mãe era professora e às vezes me passava alguns alunos. Eu achava aquilo extremamente chato, eu tenho uma impaciência com essa coisa de transmitir conhecimento. Os garotos sempre passavam porque eu cobrava muito e dava muitos exercícios, mas era uma coisa que me chateava. A contrapartida era que eu ganhava um dinheirinho, pois eu estava precisando trabalhar. Estava crescendo, estava virando adulto e precisava arrumar um negócio pra fazer. Eu trabalhei na Mesbla um mês só e não agüentei aquele serviço burocrático e tinha que trabalhar de paletó e gravata, eu sempre detestei isso. O Vinícius [de Moraes] tem uma frase em que ele diz que detesta tudo que oprime o homem, inclusive a aliança. Mas ele se esqueceu da gravata, pois a gravata oprime você já sai de casa enforcado, quando prendeu o laço, já perdeu o bom humor... Bom, eu precisava fazer uma coisa que eu gostasse e na escola que a minha mãe trabalhava tinha uma professora cujo primo trabalhava no *Correio da Manhã*, o Edson Cabral. Ela falou com ele e eu fui ao Correio e fiquei fascinado com aquela redação, aquele mundão de gente, aquele burburinho, aquela fumaça... Porque, antigamente, o cigarro não fazia mal, pois todo mundo fumava muito. Ele me disse: "Vem aqui amanhã e procura o - não sei se era Montenegro o nome do cara, daqui a pouco eu me lembro o nome dele - chefe de reportagem para conversar com ele." Aí eu fui lá e ele disse: "Olha, não tem vaga." Eu disse: "Mas o Edson não falou com você?" "Ele falou, mas não tem vaga para estagiário." E eu fui embora e liguei para o Edson: "Eu fui lá, mas o cara disse que não tem vaga." "Não é possível, tem vaga sim, volta lá. Vai de manhã e procura o Peri Cotta". Achei aquele nome estranho, nunca tinha ouvido Peri Cotta,

mas disse: "Vamos lá!" Fui lá e vi o Peri, aquele homem imenso, aí expliquei para ele. Ele perguntou se eu tinha alguma experiência. Eu disse: "Tenho, no colégio, eu fazia o jornalzinho de sala e depois virou o jornal do colégio Grambery." "Então ta!" Ele pegou uma matéria sobre o recolhimento de donativos para os desabrigados de uma enchente no Nordeste e disse: "Vai ver como está essa coleta de conativos, quem está centralizando tudo é a representação do estado de Pernambuco". Ele me deu o endereço e eu fui lá e, quando eu voltei, ele disse: "Senta aí. Como é que foi?" Eu disse: "Houve isso e isso, foram tantos lençóis, tanto isso de comida e aquilo..." "Mas então você começa assim e assim..." Aí eu sentei, escrevi, o Peri leu e disse assim: "Não, faz assim e assado..." Eu voltei e fiz de novo e, na terceira, vez eu já estava impaciente e queria ir embora. Ele disse: "Agora está bom!" Aí eu tirei cópia da matéria e, no dia seguinte, quando o jornal chegou lá em casa... Nós éramos assinantes do *Correio da Manhã*, essa identificação com o Correio nasce daí, já nasceu em casa, pois era o jornal que nós líamos. Ele era o matutino e o vespertino era *O Globo* ou a *Tribuna da Imprensa*. Aí eu chequei o que eu tinha escrito com o que tinha saído, aí quando eu cheguei à redação procurei saber com o Peri quem é que tinha feito cópia. "Ah, fala com o Aluísio Branco", que era o secretário. Eu falei com o Aluísio, que disse que foi o fulano. Quando o fulano chegou, eu fui falar com ele: "Eu fiz essa matéria aqui e o senhor mexeu..." "O senhor não: você!". Você era sempre o melhor tratamento, mais solto, mais informal. Aí o cara me explicou - não sei quem era esse copidesque - e disse por que tinha mexido, me deu uma série de dicas: "faz assim, evita adjetivo, não precisa adjetivar, a informação já é forte, não precisa acrescentar adjetivo. E aí eu fui aprendendo, todo dia eu ia ao cara: "Por que você mexeu aqui? Tirou isso, botou aquilo...". Aí o cara me explicava e foi assim que eu fui aprendendo. Tinha uma cola do lide que eu tirava e conferia: onde, o que, como e por que... Respondi tudo? Respondi tudo. Mas aí o pessoal vem: "Não... solta o texto... Não se prende muito a esse negócio de lide não, porque fica amarrado...". E assim foi a coisa e eu estou aí até hoje.

Mas não tinha uma "ditadura do lide"?

Tinha uma ditadura, mas era uma ditadura brasileira. Quer dizer, não era sério, pelo menos no *Correio* não era assim. A gente tinha muita liberdade, sabe. Ninguém dizia pra você: "Faz assim, faz assado." Não tinha ninguém no seu cangote fungando: "Faz assim, faz assado, escreve isso, não escreve aquilo". Então, você ficava solto, ficava a vontade para escrever. Era muito bom isso, sabe. Ao mesmo tempo em que você, em princípio, se sentia muito inseguro: "Será que isso que eu estou fazendo está certo ou errado?". Ao mesmo tempo, você se sentia

a vontade porque você poderia escrever e isso eu acho que é a coisa mais fascinante da profissão é você sentar e escrever aquilo que você acha que deve ser escrito. Eu penso da seguinte maneira: se eu não gostar do texto, ninguém vai gostar. Eu sou o primeiro leitor, então, eu tenho que fazer um texto que me agrade para poder agradar aos outros. É a mesma coisa de amar: se você não gosta de você, como é que você vai gostar de outra pessoa? E o texto é a mesma coisa: se você não gosta do seu texto, como é que os outros vão gostar? Então, eu escrevia para mim e torcia para que os outros gostassem.

Quem fazia parte da redação do *Correio da Manhã* nessa época?

Ah, muita gente! Vou esquecer provavelmente alguns nomes. Vou falar das figuras que você já conhece: Peri Cotta, Fuad Atala, Aluísio Branco, que era um doce de pessoa. Aliás, vou recuperar um história: o [Carlos] Drummond [de Andrade] uma vez escreveu um artigo, que foi publicado no Jornal do Brasil e está num livro dele, se eu não me engano o "Memórias de escritório", em que ele fala do *Correio*, da redação do *Correio* e cita os intelectuais do jornal: o [Otto Maria] Carpeaux, o Franklin de Oliveira, [Osvaldo] Peralva, enfim. E lá no final desse parágrafo, ele diz assim: "onde ficava a grande figura humana de Aluísio Branco que, aliás, era um doce de pessoa." Vamos continuar com o Aluísio, para você ver como ele era uma pessoa muito sensível, duas historinhas rápidas: Quando eu fui a noite à redação – porque eu trabalhava sempre de dia. Mas numa noite, eu fiquei lá, não sei a troco de que, e tinha curiosidade de saber quem era o secretário de redação. Eu imaginava que fosse um sujeito mais forte, mais alto que o Peri, porque o cara chefiava um jornal ousado, corajoso, agressivo, eu pensava: "Ah tem que ser um homem grande!" E o Aloísio era o contrário: um sujeito baixo, magro, tímido, extremamente tímido, mas com uma segurança no trabalho impressionante. E tinha uma relação profissional com as pessoas muito grande, ele respeitava as pessoas. Eu esqueci a primeira, eu vou contar a segunda história: numa ocasião um repórter do *Correio* foi ofendido por um copidesque que pegou o texto e falou: "O seu texto está uma porcaria, você não dá para ser jornalista, você tem que procurar outra profissão, você poderia ser estivador, entregar comida nos restaurantes, jamais ser jornalista." O rapaz saiu abalado – ele era "foca" também – e nós todos ficamos assustados com aquele sujeito. Então, o Aloísio presenciou a cena e não falou nada, mas no final do dia, chamou esse redator e disse: "Senta aí!" O cara sentou. "Eu vou falar com você já." Saiu, rodou e cara disse: "Aluísio, eu preciso ir embora." "Não, fica aí um pouquinho." Depois de meia hora ele sentou-se à mesa, olhou o cara que estava embaixo e disse: "Nunca mais ofenda um repórter do *Correio da Manhã*. Pode ir embora, é só isso." E acabou ali, nunca

mais esse cara ofendeu ninguém. Se tivesse alguma queixa, ia falar com o Aluísio, mas jamais destratou uma pessoa na redação. Ele não durou muito, foi embora logo. Então, esse era o Aluísio.

A segunda história era a do Carlos Drummond de Andrade?

Era, eu acabei misturando as bolas. Tinha o Franklin de Oliveira, que era também um sujeito formidável, muito bom. O José Lino Grünwald, que publicou a minha primeira matéria assinada, o que me deixou muito satisfeito porque todo mundo queria publicar uma matéria assinada. Na época, ninguém assinava a matéria, raramente assinava matéria, pois o jornal encampava a notícia do repórter, ele não dividia essa responsabilidade com o repórter. O que acontece hoje: se alguém for processado é o reporte e o jornal, o jornal divide essa responsabilidade. E naquela época não, o jornal é que encampava a notícia e você eventualmente assinava um texto. E para assim um texto, eu fui perguntar ao José Lino: "Por que você vai publicar o meu texto?" Ele disse: "Porque você sabe escrever." E foi o meu primeiro texto que saiu na capa do segundo caderno sobre o "Gandula, esse desconhecido." Fui lá para o Maracanã e comecei a acompanhar o trabalho daqueles garotos e fiz uma matéria.

Tinha o Paulo Francis, com quem eu me dei muito bem, foi quem publicou os meus contos e me incentivou muito. O primeiro conto foi "Um conto sem querer" porque eu fui solicitado a um fotógrafo, o Sebastião Marinho, para fazer um texto para umas fotos que ele tinha feito de namorados, praias e praças sempre com casais, porque estava chegando o dia dos namorados. E aí eu escrevi o texto e fui levar para a Áurea, que editava o suplemento feminino, eu sempre publicava uns textos lá com ela. Aí eu levei para ela que leu e gostou, achou as fotos formidáveis e aí tudo bem. Na segunda-feira, no domingo, eu abro o jornal em casa e cadê a matéria com as fotos do Marinho? Não tinha saído nada, aí eu disse assim: "Que ursada!" Cheguei na segunda-feira, fui lá na Áurea e disse: "Não saiu, você esqueceu..." "Não, entrou um anúncio, faltou espaço, eu não queria inutilizar o material ou dar quebrado. Mas olha, passei para o Paulo e ele gostou muito." Eu nunca tinha conversado com o Paulo Francis, achava ele meio posudo, muito arrogante. E pensei: "O que eu vou fazer? Vou esperar né..." Aí fiquei quieto e saiu o texto, mas não saíram as fotos. Eu fui falar com ele, agradeci muito. Ele falou: "Gostei muito do seu conto." - "Ah obrigado." - "Você tem mais em casa?" - "Tenho uma gaveta cheia." - "Então, traz aqui que eu vou publicar." Aí comecei a escrever contos para ele porque eu não tinha gaveta nenhuma. Gaveta eu tinha, mas não tinha nada dentro da gaveta. Eu comecei a escrever contos e ele publicou mais dois, e depois a Germana de Lamare - quando em 1968 o Paulo foi preso, ela

assumi o segundo caderno – me encomendou um conto de Natal. Ela me perguntou se eu tinha um conto de Natal o dia 22 de dezembro de 1968. Eu disse: “Tenho, quantos você quer?” – “Eu quero um só!” Aí saí da redação, fui para casa pensando, me lembrei de um Papai Noel que tinha lá em Juiz de Fora: “Eu já tenho um personagem, agora vou escrever a história.” Escrevi e esse conto saiu no dia 24 de dezembro.

Você não contou ainda a história do Alóisio com o Drummond...

O Drummond saiu da página seis onde ele escrevia a [coluna] C.D.A. , em que ele assinava uma crônica, e foi para a capa do segundo caderno. E às vezes, o Alóisio precisava – quando tinha passeata, por exemplo – ele dava sempre a capa do segundo caderno, que era uma página gráfica. Ele telefonava para o Drummond e dizia: “Olha, Drummond, eu gostaria de pedir a você que cedesse o seu espaço na capa do segundo caderno porque eu tenho uma matéria e eu vou precisar de espaço para publicar.” – “Ah, Alóisio, pode usar à vontade.” Ele sempre fazia isso. Bem, quem mais tinha lá? Tinha o Paulo de Castro, que fazia comentário político internacional, fazia crônica sobre política internacional, tinha o Cícero Sandroni... Eu ainda peguei lá o Hermano Alves, o Osvaldo Peralva. Quem mais tinha na redação? Tinha o [Arthur] Poerner, tinha o Pedro do Coutto, tinha o Everardo Guillon, que era um doce de pessoa, muito engraçado. Tem duas historinhas dele: ele era comentarista esportivo num programa da TV Excelsior e ele ia para o programa com a camisa do Flamengo e dizia: “Esse negócio de cronista esportivo não torcer para ninguém é mentira! Então, quero dizer para vocês que sou Flamengo.” Em 1968, perguntaram a ele quais as expectativas para o ano de 1969 e ele disse: “Esse é o ano das forças populares: Mangueira, Flamengo e vietcongue.” Pronto, o programa saiu do ar e ele perdeu o emprego. A outra é que ele foi convocado a depor no DOPS, e ele: “Eles me convidaram, mas eu não posso recusar o convite. Então, não é um convite, é uma intimação”. Ele saiu da redação e foi ao DOPS, duas ou três horas depois, ele voltou e estava com a cara vermelha. Eu disse: “Guillon, o que é que houve?” – “Me deram um tapa na cara!” – “Te deram um tapa na cara? Você foi depor e te bateram? Você foi torturado? O que é que houve?” – “Não, os caras não tem senso de humor nenhum.” – “Como não tem senso de humor?” – “Eles estavam lá me enchendo o saco: você pertence a organização paramilitar? Pertence ou não pertence?” – “Não, eu não mexo com isso não. Não gosto disso, eu sou contra o governo, mas não vou me meter num negócio desse.” – “Porque nós temos informações que você pertence a uma organização paramilitar.” Aí ele: “Tá bom, eu pertencço: ao Exército da Salvação.” Aí tomou o tapa na cara. Quem mais que tinha? Tinha o Pedro Porfírio que está aí.

Tinha o Edmar Buarque, tinha o Antonio Muniz, tinha o Gontran da Veiga Jardim, tinha o Salviano Cavalcanti de Paiva, o Ruy Castro era "foca" naquela época. Na reportagem, como "foca", tinha o Fernando Lemos, tinha o Luís Carlos de Souza, tinha o Ernesto Soto – que agora escreveu um livro sobre 1968 com a Regina Zappa – e o Odacir Costa. Tinha o Roberto Carneiro, que era redator, tinha o Zé Fernandes, encontro com ele até hoje. Inclusive, fomos almoçar no sábado, pois as "viúvas" do *Correio* se reúnem no Bar Brasil. O Zé Fernandes tinha sido revisor, chefe da revisão, e eu trabalhei com ele na [seção sobre] política internacional. Tinha um contínuo gozadíssimo, o senhor Brito, a máxima dele era: "encardiu, tem que alvejar". – "Com a minha pessoa, encardiu, tem que alvejar!". Ele era muito gozado. Quando os censores estavam lá dentro da redação, eles ocuparam as salas dos editorialistas. Toda noite tinha uma rodada de café pra redação e o senhor Brito ia lá no restaurante, se não me engano no 5º andar, e vinha com a bandeja com as xícaras com o logotipo do *Correio*, o logotipo verde e a xícara branca, muito bonitinha, e os bules de café. Ele entrava na sala onde estavam os censores. Era muito engraçado porque era a sala dos editorialistas e passou a ser a sala dos censores. Quer dizer, era o pessoal que dava opinião contra o regime militar e a mesma sala passou abrigar os censores. Ele entrava, pedia licença, abria os bules e passava com a bandeja na frente dos censores. Depois se desculpava: "Esse café é só pra jornalista e aqui não tem jornalista." E ia embora. Isso era todo dia, todo dia era isso. Eu dizia: "Qualquer dia, você apanha!" – "Não, não vão fazer nada não. Nem olham mais pra minha cara. O cheiro eles sentem...". O senhor Brito era uma figura formidável. Tinha o Zé Maria, que era o chefe dos transportes, tinha um português também, que era chefe dos transportes, que a gente chamava de "ministro dos transportes" porque era quem dava os carros, despachava carro, autorização para taxi e tudo mais.

Quem mais? Ah, tinha o Bigode, que era um diagramador, não lembro agora o nome dele, mas está naquele texto, naquele texto que eu fiz, cito algumas pessoas que já foram, que já morreram. O nome dele era Eraldo Bigode, uma pessoa formidável, fechava uma página com a maior facilidade, tinha um senso de distribuição de texto e fotos muito bom. Na fotografia, tinha o Sebastião Marinho, Luiz Bueno Filho, Fernando Pimentel, Luiz Pinto e Manoel da Cunha Pereira.

Que funções você teve no jornal?

Primeiro, eu fui repórter e fui para a Cidade. Depois, eu passei pela Polícia, que era também outra escola. Eu fui para a Polícia porque estava faltando gente, tinha saído um rapaz e eu fui para lá. Na Polícia é muito bom porque você aprende a fazer o lide: "Onde? Na Avenida Rio Branco. Quem? O ladrão fulano. Vítima?"

Sicrano. Como? Um tiro disparado...” Enfim, você fazia lide com maior facilidade, o único problema era o “porquê”. Eu nunca sabia por que o cara matou e por que o cara morreu, mas aí você fazia uma história boa. Na época, os jornais tinham o plantonista de hospital, o sujeito telefonava de dizia: “CB-25 – casado, branco, 25 anos.” Cantava isso tudo e você já sabia o que era. Na primeira vez, você tomava um choque: “C de quê?” Não era um glossário, eu listei as palavras que ele usava para poder me orientar, porque eles eram plantonistas para outros jornais também. Às vezes, falavam: “O negócio aqui é sério!” E a gente corria. O *Correio da Manhã* não dava suicídio, dizia: “Fulano morreu.” Teve uma *socialite* que morreu, que se suicidou, e chegou a notícia. O *Correio* deu que ela tinha morrido e os jornais todos noticiaram que ela tinha se suicidado. Aí eu perguntei ao Aluísio o porquê disso e ele disse: “É coisa muito íntima, não vamos fazer isso não.” E assim a coisa era tocada.

Você cobriu Polícia e o que mais?

Eu cobri a Polícia e depois fui para o Esporte. No Esporte, eu tive um gosto muito grande, porque eu sempre gostei muito de futebol, joguei futebol, mas nunca joguei em time nenhum. Eu tive uma pequena passagem pelo Botafogo, mas para você entrar no Botafogo no tempo de Jairzinho, Garrincha, você não ia ter lugar. E o sujeito lá que fez o teste – porque eu jogava na praia de Botafogo, o olheiro do Botafogo foi lá, chamou a mim e mais dois caras. Aí nós fomos lá e depois do treino, ele me disse: “Olha, você sabe jogar, você conhece os fundamentos, mas igual a você eu tenho aqui um bando e estou procurando gente diferenciada.” Então, minha experiência com futebol tinha acabado ali. E no jornal, eu vi a possibilidade de fazer futebol, de voltar a fazer futebol. Eu fui cobrir o Fluminense, eu morava aqui perto, morava na Praia de Botafogo e eu era sócio do Fluminense, então, eu chegava fácil no Fluminense, eu conhecia as pessoas lá. E aconteceu uma coisa curiosa: num carnaval, eu acho que foi o de 1967, veio um empresário americano aqui contratar o Bangu para uma excursão, ia ser o primeiro campeonato de futebol nos Estados Unidos. Times que formaram a primeira liga e, como ainda não tinham jogadores, botaram times do exterior para representá-los. Do Brasil, foi convidado o Bangu porque tinha sido campeão. E o repórter que cobria o Bangu tinha sofrido um acidente e estava em casa, o editor disse assim: “Bertoldo, vai lá e faz essa matéria.” E fui e fiz a entrevista com o empresário americano, com o auxílio de um intérprete, um funcionário do hotel – Hotel Excelsior, se eu não me engano. No dia seguinte, voltei para a assinatura dos contratos, complementei a matéria que saiu na edição de domingo e no contrato estava estabelecido que podiam ir dois jornalistas aqui do Rio. – “Eu quero que um

seja o Bertoldo e o outro vocês escolhem.” Aí eu fui para os Estados Unidos e passei dois meses lá cobrindo o torneio de futebol com o Bangu. Eu não conhecia os jogadores, fiquei conhecendo lá. Na época, o clube era presidido pelo senhor Zizinho, que era o pai do Castor de Andrade, que não tinha essa notoriedade que depois deram a ele e que ele conseguiu primeiro com o futebol e depois com escola de samba. Era uma figura que você conseguia conversar bem, uma pessoa tratável e tudo. Eu me relacionava muito bem com ele, inclusive quando ele foi preso, eu disse ao senhor Zizinho que ia visitá-lo na [presídio de] Ilha Grande. O Castor mandou dizer que eu não fosse visitá-lo, pois ele não queria receber visita de ninguém porque senão poderia comprometer essas pessoas. Depois encontrei com ele algumas vezes, mas quando eu saí do futebol, eu perdi o contato.

Depois eu saí do Esporte porque não consegui me efetivar e eu ainda era estagiário, eu não ganhava salário. A gente só ganhava o “vale da fome”, que era o direito de comer no restaurante sem pagar. Depois arrumaram um trocado lá para a gente, mas é curioso porque eles me pagavam quando eu fazia colaboração, o jornal não me pagava salário, mas me pagava colaboração. Eu saí de lá e fui para a Geral, conheci o Fuad Atala, que era chefe de reportagem e depois fui para a Internacional, aí caí nessa história de ser redator. Depois saí do *Correio* e fui trabalhar em um bando de lugares.

Você entrou para o *Correio da Manhã* já na ditadura. Qual era o clima no jornal?

O jornal era contra o regime militar. Havia um sentimento de desconforto porque o jornal sempre se empenhou – é da história do jornal, está na origem do jornal – contra o regime. Uma das coisas que eu aprendi lá no *Correio da Manhã* é que toda informação, principalmente, informação oficial, é sempre interessada, tem sempre um objetivo por trás. Partindo de político, então, é extremamente interessada. E o medo que eu tinha era ser usado nessa informação, era ser agente dessa informação de interesse, eu sempre me policiava. E às vezes vinha num código: “Olha, isso que eu vou te contar, não é para publicar.” Eu sabia que aquilo era para publicar, com notícia, a coisa é sempre ao contrário. Lembro de uma ocasião em que o Tancredo Neves, ainda na campanha pelas Diretas Já, disse que não queria ser presidente: é lógico que queria! Quando o cara diz que não, geralmente ele quer, mas não pode revelar um desejo, então, diz ao contrário. Quando esses caras dizem: “Ah eu não quero isso...” Eu estou muito desconfiado do Lula quando diz que não quer o terceiro mandato. Eu fico cabreiro com isso, não há necessidade de dizer que não quer, porque ele não tem esse direito. Então, ele vai abrir mão de quê? De nada, ele não tem esse direito. Muito bem, o *Correio da Manhã* era sempre

contra, a gente saía na rua para ver a coisa e via a coisa errada porque, geralmente, eu acho que a notícia é o errado. Eu sempre dizia que a Rádio JB era a anti-notícia: "O trânsito flui bem na ponte Rio-Niterói." Mas o trânsito tem que fluir bem, se houver um acidente, aí que é notícia porque não é todo dia. O certo é fluir bem, quando não está fluindo bem, aí que passa a ser notícia. A gente ia com essa visão de procurar as coisas erradas. Eu me lembro de uma entrevista que eu fui fazer com o ministro da Saúde e era uma coisa que já devem ter falado para vocês e já devem estar cansados de saber: as entrevistas só começavam quando chegava o repórter do *Correio da Manhã* era batata! Eu presenciei isso e achava delicioso porque todo mundo ficava uma fera! Uma vez um cara d'*O Dia* telefonou para o *Correio*: "Bertoldo, é você que vai fazer a coletiva do fulano?" – "Sou. Por quê?" – "Vê se chega cedo, né?!" – "Ah tá, pode deixar!" [risos] Mas sempre era isso. E tinha um projeto do governo que afetava a previdência e o atendimento médico na área previdenciária. Aí depois da coletiva, eu fui conversar com ele porque eu tinha a preocupação de fazer uma coisa que não ficasse só na coletiva e de ampliar aquilo, pegar mais elementos para cobrir, calçar aquela informação. No *Correio da Manhã*, você não podia chegar e dizer que o Flamengo é o melhor time do mundo: você tem que provar isso. E aí fui, conversei com ele e, no dia seguinte, casquei-lhe o sarrafo! Numa outra ocasião, fui fazer uma entrevista com o Benjamin Albagli, que era de uma escola de nutrição que havia aqui em cima do túnel do Pasmado, e eu fazia uma matéria sobre um encontro... Mas o Robert MacNamara, que era secretário de Defesa dos Estados Unidos, tinha dado uma declaração propondo que os países pobres reduzissem ou controlassem mais a natalidade. Teve até uma instituição americana, que passou a tentar vender essa idéia de controle de natalidade. Eles achavam que controlando a natalidade iria haver mais riqueza e a distribuição de renda poderia ser melhor. E eu fui lá entrevistar o Benjamin Albagli não sobre o seminário dele lá, mas sobre essas declarações do MacNamara. Eu tentei colocar o assunto, mas ele tirou o corpo fora. Aí conversei sobre o seminário dele, elogiando e tudo, e cativei o Albagli. Guardei os papéis e disse: "Engraçado, eu estou com uma curiosidade e, aliás, queria matar essa curiosidade ouvindo sua opinião, pois o senhor é do meio, é do ramo. Essa declaração do MacNamara sobre controle de natalidade no Brasil, o que o senhor acha?". Ele começou a falar e eu com o bloquinho guardado, só escutando ele. Quando ele acabou de falar – ele esculhambou o MacNamara, logicamente – eu disse assim: "Eu gostei muito das suas opiniões, ótimo! O senhor vai me desculpar, mas eu posso publicar isso? O senhor se incomodaria?" Ele tinha sido seduzido e disse: "Pode publicar." No dia seguinte, ele me liga: "Olha, está dando um problema aquele negócio! Eu não podia ter falado aquilo." – "Mas problema como? Saiu alguma coisa errada, alguma

mentira? Eu distorci alguma informação?" – "Não, está tudo certo. O problema foi que ninguém entendeu nada." Então, era assim que a gente fazia a coisa, já saía orientado. Havia greve ou assembléia de sindicalista, a gente sempre ia ver no que aquilo ia dar. Como greve era uma coisa que estava praticamente proibida, a gente sempre buscava uma declaração deles se ia ter ou não greve. E numa dessas, eu acho que foi dos bancários, um cara lá, um pelegão disse: "Não, o que é isso? Vamos tentar conversar." E o pessoal, a base como eles chamam hoje, o povo querendo a greve. – "Mas a base está pedindo a greve." – "Não, calma, vamos negociar mais." E eu disse: "Mas a possibilidade de greve existe?" – "Ah lógico, sempre existe." – "Então, tá bom." Pus no lide: "Sindicato dos bancários vai entrar em greve. O presidente do Sindicato dos Bancários admitiu ontem que existe a possibilidade da categoria entrar em greve..." Então, era aquela coisa, isso dava espaço, pois o jornal valorizava muito isso porque era a política de enfrentamento. Porque a sensação que a gente tinha no *Correio da Manhã* é que todo o jornal, todas as editorias, todo mundo estava empenhado em criticar e tentar derrubar... Era uma utopia, né? Mas se fosse possível... derrubar a ditadura. Essa era a regra, pois todo mundo estava de saco cheio. O *Correio da Manhã* foi o primeiro a noticiar a tortura, porque ninguém noticiou. E o *Correio da Manhã* não tinha medo, era a aquela coragem de maluco, ia lá e metia a cara. E acabou no que acabou, né? Mas enquanto sobreviveu, sobreviveu com dignidade. Eu sou contra aquele negócio: "Vou esperar passar." Se é o jeito da pessoa, vai para cima e agüenta as conseqüências. E as conseqüências foram imensas. Eu não sei se o Peri já falou isso, porque nós já conversamos sobre isso: o *Correio da Manhã* ficou sozinho nisso, não teve ninguém do lado do *Correio da Manhã*. E o que estava sendo atacado era a liberdade de imprensa. Agora, quando uma moça é presa e torturada pelos milicianos – o que é um absurdo e tem que ser condenado, isso tem que ser apurado e esses caras punidos – a imprensa toda se solidariza e fecha com o jornal, porque ela se sente atacada. Quando a *Folha [de São Paulo]* dá uma entrevista com a Marta Suplicy e um juiz acha que a aquilo é campanha eleitoral, todo mundo fecha com ela. Naquela época, ninguém fechou com o *Correio*, o *Correio* ficou sozinho. Por quê? Porque eles queriam o fim do *Correio*, porque eles iam pegar os leitores do *Correio*. Era a concorrência: "Vamos acabar com esses caras!" Hoje não precisa acabar com mais ninguém porque já acabou com todo mundo, não tem mais ninguém para acabar. Também não tem mais leitor. Então, o *Correio da Manhã* tinha isso e aí que tinha a coisa fundamental num jornal, achava isso formidável! Eu não vi isso em lugar nenhum que eu trabalhei: não vi o jornalista se identificar com o jornal. Eu tinha orgulho em dizer: "Eu trabalho no *Correio da Manhã*. Sou do *Correio da Manhã*. Meu jornal é o *Correio da Manhã*."

Olha, é um amor, é um negócio muito gozado. A gente quando se reúne hoje, todo mundo é uma "viúva" do *Correio da Manhã*. É um jornal que marcou a vida de um bando de gente e marcou bem. Os outros não me marcaram mal porque também não deixei, não vesti a camisa deles. Nos outros eu trabalhei e, no *Correio da Manhã*, eu fui jornalista. Então, o *Correio da Manhã* tinha isso, as pessoas gostavam de trabalhar no jornal porque ali você podia fazer o que você tinha certeza que era a melhor coisa que você podia fazer. Você podia se dar ao jornal que o jornal te retribuía, não tinha censura. Quando houve a censura e que a Niomar [Muniz Sodré Bittencourt] foi presa e disseram: "Ó, faz a autocensura." Ela respondeu: "Eu não faço autocensura, não faço." E não fez autocensura. O que você tira daí é que os outros fizeram porque, se eles pediram isso a ela, pra ela fazer autocensura e ela não quis, é que os outros fizeram. E fizeram mesmo sabe, fizeram. E aí o que aconteceu na imprensa? O leitor perdeu a confiança porque não tinha mais, ele não encontrava no jornal o que ele estava percebendo. E aí ele disse: "Eu vou ler jornal?" Esse negócio de censura é uma coisa tão absurda, que uma ocasião eu estava em casa lendo um jornal – eu não me lembro qual era – e disse assim: "Ué, essa matéria saiu publicada?" Olha, eu tomei um choque – "Cacete! Eu estou com a cabeça de censor!" Como é que eu posso questionar a publicação de uma matéria contra o governo? – "Como é que essa matéria saiu?" Eu não posso ter esse espanto. Mas, inconscientemente, eu estava com a cabeça do censor quando eu li aquela matéria. E tinha coisas curiosas: os censores ligavam para o jornal e falavam com o Aluísio Branco: "Olha, a matéria sobre isso não pode sair." E o Aluísio, às vezes, nem tinha a matéria e dizia: "Mas como que não pode sair? A gente já apurou isso, já tem a declaração de uma autoridade, o general..." Nem falava nome, porque não sabia. – "Não, mas o general Fulano de Tal não pode dizer uma coisa dessa, é errado!" – "Ah, mas ele disse isso." – "Isso vai ter consequência porque o general Beltrano..." E aí contava a matéria toda. E tinha os papelinhos, porque eles mandavam um papel: "Está proibida a publicação da matéria tal..." Mas aí eles descobriram que estava todo mundo guardando aqueles papéis e não mandavam mais. Ou ia um cara lá dizer que não podia sair ou telefonava, porque eles não queriam deixar pistas. E acabavam deixando, porque o militar é muito burocratizado, ele faz tudo anotado. Vocês devem ter lido o livro do Mario Vargas Llosa em que um militar lá no Peru vai comandar um exército de prostitutas... o "Pantaleão e as visitadoras". Por que eles não querem abrir os arquivos? Está tudo registrado lá. Eles devem ter anotado tudo: "Arrancamos tantas unhas hoje. Demos choques em tantas pessoas hoje, preferência pelos choques nos órgãos genitais." Assinado pelo Fulano de Tal, carimbo, registro. Então, esses papéis aí não vão subir, não vão aflorar, isso vai ficar tudo escondido.

Pode ser que daqui a 30, 50 anos, quando esses caras todos já morreram, – eu espero que este tempo seja mais curto – esses papéis apareçam. Então, o *Correio da Manhã* era isso.

Só depois do AI-5 é que teve censor no jornal?

Só depois do AI-5. Era gozadíssimo. O cara lá da portaria avisava: “Os senhores censores estão subindo.” E a gente já se preparava na redação e, quando abria a porta, a gente vaiava e chingava de comunistas: “Comunistas, comunistas, comunistas!” Eles censuraram a mensagem de Natal do Papa, porque falvam em povos oprimidos. Eles tiraram isso. Muitas vezes para provocar os censores, a gente fazia uma notícia assim: “A senhora Fulana de Tal, esposa de general do Exército, foi vista nas cercanias da Lapa com um elemento avantajado...” Fazia o texto e mandava, os caras rasgavam o texto de raiva. Era tudo para provocar.

Como é que era a tal pichação no banheiro do *Correio*?

Ah, isso era ótimo! Apareceu em cima do mictório do banheiro de lá: “Não faça xixi com um censor, ele corta tudo!” [risos] Então, o *Correio da Manhã* tinha essa graça. Ah, depois os caras passaram a entrar em conjunto, porque aí era uma vaia só. Então, eles se reuniam na portaria do jornal e entravam todos juntos. Subiam pela escada porque no elevador só cabiam 4 pessoas. E tinha um ascensorista que não subia com os censores, ele dizia: “Aperta aqui e ali, que ele sobe.” Mas não subia com os censores. Quer dizer, até o cara do elevador não entrava nessa. A coisa era de cima a baixo, a coisa pegava de cima a baixo. E eles censuravam mesmo, metiam a caneta. Até pouco tempo, eu tinha umas matérias censuradas lá em casa, mas depois sumiram. Deve estar lá, eu tenho muito papel. Eu acho que um dos grandes problemas da nossa profissão é guardar papel. Eu guardo muito papel, recorte de jornal, e passa 5, 10 anos e eu abro aquele envelope... Aí jogo fora, já não presta mais. Eles censuravam tudo, não podia sair. Eles censuram em cima, na redação, as matéria que desciam para a oficina, depois censuravam a prova de página e depois, quando os jornais rodavam, eles abriam para ver se estava mesmo censurado. O controle era grande. E quando eles tiraram a censura, o jornal rodou e o que aconteceu? Eles apreenderam a edição toda porque nas entrelinhas – uma coisa que se fazia lá – no meio de uma matéria sobre cirurgia plástica, por exemplo, aparecia: “Paulo Francis foi preso. Peralva está preso. Tantos presos no batalhão em tal lugar assim. Preso Fulano de Tal. Fugiu o Sicrano”. Eles apreenderam a edição toda. Quando saiu a censura, porque a Niomar não quis fazer a autocensura, o *Correio da Manhã* contou tudo e essa edição foi toda apreendida, 40 mil exemplares. Eles deixaram rodar e pegaram. Aí o pessoal

percebeu que iam apreender a edição, fizeram só 40 mil, porque o jornal tirava mais que isso. O jornal era vendido a preço de banca, vamos supor por um real, o jornaleiro vendia por cinco. A procura era enorme, o jornal rodava na mão de um bando de gente. Lá em casa, eu abria a porta e comecei a não ver mais o jornal. Aí falei com o porteiro: "O jornal já chegou? Segura aqui, eu desço e apanho. Se colocarem na porta de casa, eles apanham." Então, o jornal era disputado porque tinha ali o que as pessoas sabiam que estava acontecendo, era uma confirmação. Os outros jornais não davam e o que interessava para esses jornais? – "Ah, vamos acabar com esse! Vamos deixar acabar". E acabou!

Como foi o episódio da prisão do Paulo Francis e do Osvaldo Peralva?

Eu só soube que eles foram presos, eu não vi a prisão. No dia do Ato [Institucional n.5], no dia 13 [de dezembro de 1968], eu já tinha ido embora. Vi lá a movimentação da edição e tudo, mas eu tinha um compromisso e fui embora. E soube da história toda no dia seguinte, do tiro na recepção do jornal, do empurra-empurra. Tem um episódio em que a Niomar disse que o Peralva não podia ser preso, porque era funcionário dela e, se alguém tinha de ser preso, tinha que ser ela. Aí o sujeito consultou lista: "Qual o nome?" – "Niomar." – "Não, se o nome da senhora não está aqui, a senhora não vai presa." Ela foi presa depois, não vestiu a roupa do presídio lá do Talavera Bruce – presídio feminino aqui do Rio – e foi hostilizada, enfim. Mas o *Correio da Manhã* tinha os seus pecadinhos, tinha uma lista negra lá, até o Lima Barreto, que já tinha morrido há tanto tempo, não podia sair o nome dele no jornal. Juracy Magalhães que, quando foi ministro das Relações Exteriores foi chamado de "Chanceler Montenegro", que era ou outro nome dele. Ele era o único Chanceler Montenegro que aparecia nos jornais, em todos os outros jornais aparecia Juracy Magalhães, mas no *Correio*, aparecia Chanceler Montenegro.

Isso fazia parte da chamada "ortografia da casa"?

Isso era a ortografia da casa. Havia também um cuidado muito grande com o texto lá, não se podia usar expressões chulas. Um rapaz do Esporte uma vez escreveu que o campeonato estava na fase do "pega pra capar". Olha, ele levou uma bronca e o texto dele passou a ser fiscalizado com mais cuidado para ele não escrever mais esse tipo de bobagem, porque isso não podia sair no *Correio*. Apelidos, só se fosse um apelido... Cara de Cavalo [famoso bandido da época] sim, podia sair, pois todo mundo sabia quem era o Cara de Cavalo. Mas apelidos, expressões chulas, gírias, isso não fazia parte do vocabulário do jornal. O jornal evitava esse tipo de coisa, até mesmo quando você colocava diálogos, você tinha que evitar esse tipo de

coisa. Havia um cuidado com isso. E o Zé Fernandes, o chefe da revisão, tinha esse cuidado de evitar esse tipo de expressão. Não se escrevia muitas palavras estrangeiras, não se dizia onde as estrelas de cinema estavam hospedadas, só que "elas estavam hospedadas num hotel da orla do Rio". Ninguém dizia no hotel tal, foi vista na boate tal, só: "foi vista numa casa noturna". Não se fazia propaganda, sabe, como tem hoje. Naquela época, alguém estava levando dinheiro para colocar o nome do restaurante ou do hotel. Colunista social às vezes fazia isso com objetivos que todo mundo sabe, né?

Você passou por várias editorias do *Correio da Manhã*: Esporte, Economia, Polícia... Mas o que era o ponto forte do *Correio*?

Ah, o forte era política, o forte era a opinião e a política era o assunto dominante. O *Correio da Manhã* era um jornal político e antigamente os jornais eram políticos. O leitor era identificado ideologicamente ou politicamente pelo jornal que ele lia. Se ele era conservador, era de direita, ele lia *O Globo*; se ele era liberal, lia o *Correio*; se ele era mais para a esquerda, lia o *Última Hora*. Eu não estou dizendo a esquerda comunista, mas era à esquerda. A idéia lá da França, da Revolução Francesa... Então, havia identificação política com o jornal que se lia e o *Correio* tinha na política a sua grande força. A economia era uma coisa menor, não tinha esse destaque que teve a partir do AI-5, porque a política foi proibida, restou a economia. E tinha um ministro que era um "animador cultural", o Delfim Neto. E tinha atrás dele um bando de jornalistas, que eu não vou dizer que foram comprados pelo Delfim, porque era muito dinheiro que ele teria que pagar. Mas eram todos favoráveis ao Delfim, tanto é que a inflação que ele diz que houve, acho que em 1972 ou 1973, depois se viu que era mentira, não era aquilo tudo. Aquele milagre [econômico] também se percebeu que não era milagre, não era nada disso. Então, o forte do *Correio* era a política, as pessoas compravam para ler política. Era o editorial, o noticiário, tudo era política. E tudo direcionado, porque quando você faz uma matéria, na escolha dos fatos, você encaminha o leitor para onde você quer. Isso tinha no *Correio da Manhã*, todo mundo encaminhava para aquele lado, para o nosso lado, né? Esse negócio de jornal imparcial é a mais grossa mentira que existe, ninguém é imparcial. – "Ah não, eu ouvi os dois lados". Ouviu nada, o lado que você não gosta, você ouviu mal. Você vai ouvir o seu lado, o lado que você acredita, o lado que é bom. Não vai ouvir o lado que você acha ruim. Então, essa mentira naquela época não tinha. Os jornais ouviam o seu lado porque cada um comprava o jornal que queria ler, aquele com que se identificava. O *Correio* era um jornal do contra, era chumbo grosso, demitia ministro, tinha esse poder e exercia esse poder. Então, eu acho que isso foi a marca registrada do o jornal, era

o ponto forte do jornal: a política. E depois, dependendo da época: esporte. Mas o forte era a política, a [editoria de] Cidade também era muito forte. A Cidade tinha uma boa cobertura porque o jornal era um jornal do Rio, um jornal carioca, então, dava muita ênfase à cidade. Tinha uma coluna chamada "Jerico" que dava problemas da cidade: uma rua esburacada, um caixa de esgoto vazando, o tal lugar não tem água... Isso saía nessa coluna que era feita por sujeito chamado Montenegro e o fotógrafo chamava Bueno. A minha experiência com essa coluna é muito engraçada porque tinha um ponto de ônibus lá perto de casa – minha mãe sempre tomava o ônibus lá, pois era perto de casa e era mais perto para ela – e mudaram o ponto de ônibus para dois quarteirões adiante. Aí minha mãe tinha que andar mais, ela reclamou e eu disse: "Eu vou resolver esse problema, vou dar uma nota no Jerico." Dei uma nota no Jerico, escrevi a notinha e, no dia seguinte, o ponto voltou para onde estava. Quer dizer, as pessoas liam, as autoridades liam o jornal. E isso não era uma coisa minha, teve casos mais relevantes. Então a cidade era uma preocupação do jornal, não era só a Zona Sul, era a cidade no total, na sua totalidade. Cobria o subúrbio, o que acontecesse agente ia atrás. O carnaval também era um tema da Cidade e ganhava muito destaque os ensaios de escola de samba. No outro dia, eu estava contando para um amigo que, nas favelas antigamente, – não é que você fosse lá dentro das favelas – mas você tinha acesso às favelas. Eu me lembro que eu fui a um ensaio no Salgueiro e, lá no topo do morro, havia uma quadra chamada "calça larga". E a Mangueira ensaiava no pé do morro, na Cerâmica, o pessoal descia e todo mundo se sentia a vontade e não havia esse temor e tudo. Eu parei de ir a ensaio de escola de samba porque começou a ter assalto, assalto, assalto e eu não vou me oferecer. Mas havia essa possibilidade de você circular pela cidade. Eu fiz uma matéria na Cidade e foi muito engraçada porque a polícia estava um ponto de [jogo do] bicho num bairro atrás da Central do Brasil, num buraco, numa padaria. Eu fui lá e pensei: "Como uma padaria tem um ponto de bicho? E como é que descobriram?" Porque uma mulher reclamou no hospital, num negócio de saúde aí, que estava achando com frequência papel carbono dentro do pão. Aquilo caiu na mão da polícia e eles foram saber onde é que ela comprava esse pão. Deram uma batida na padaria e acharam nos fundos um ponto de bicho, de distribuição de jogo de bicho. O padeiro ou era incompetente ou era cego e tinha sempre papel carbono dentro do pão [risos]. E não preciso dizer que essa padaria era de um português né. Então, essa foi uma das coberturas engraças que eu fiz. Eu fiz uma cobertura também sobre prisão dos assaltantes do supermercado "Pegue e Pague" que funcionava ali ao lado – acho que hoje é um terreno baldio – ou perto do hospital Miguel Couto. E o mentor – eu não gosto de dizer mentor intelectual, porque desmerece os intelectuais – mas o

mentor desse assalto era um filho de pastor protestante leitor de Kafka – talvez por isso a cabeça dele tenha ficado ruim – e que tinha feito uma chacina. Inclusive, tinha sido denunciado pelo parceiro porque ele estava matando todo mundo que tinha participado do assalto. Estava limpando o arquivo todo. E o sujeito era extremante inteligente, tinha uma conversa. Você olhava para ele e pensava que era um doce de pessoa, todo escovadinho, penteadinho. A sensação que você tinha é que ele acabou de sair do banho e a mãe arrumou ele todo para ir para o colégio. E ele era um assassino bárbaro. Quer dizer, na [editoria de] Polícia, você conhece esse submundo. Tem uma outra passagem muito engraçada em que o Heitor Leopoldo estava preso em Niterói, mas tinha uma autorização para ver a mulher que estava fazendo um peça no Teatro que funcionava na Praça Tiradentes. E foi acompanhado por um tenente da Polícia Militar de Niterói – ainda não tinha havido a fusão, ainda era estado do Rio – e o tenente coitado... Aí eu fui lá ver o que tinha acontecido: ele tinha fugido, a imprensa foi toda lá. Esse tenente explicando, de uma ingenuidade coitado, e disse assim: “Pois é, o Dr. Leopoldo, um pessoa tão boa...” – “Mas como foi que ele fugiu?” – “Ele pediu para ir ao banheiro, ele tem direito a ir ao banheiro, e eu deixei ele ir sozinho.” – “Por que? Você tem ordem de acompanhar?” – “Eu tenho ordem de acompanhar e ficar do lado dele.” – “Nossa, mas que coisa desagradável!” – “É, mas eu não me incomodo com isso. Mas eu confiei nele e ele traiu a minha confiança.” Eu pensei: “Mas como é que esse cara vai tomar conta de alguém? Não pode tomar conta nem de cachorro, esse cara é totalmente despreparado!” O Heitor Leopoldo fugiu e você vê o peso do Correio: ele telefonou porque a mulher dele falou que um repórter do *Correio da Manhã* chamado Bertoldo esteve lá para saber sobre a fuga dele e ele ligou para explicar que era uma absurdo ele estar preso e tal... Aí começou a me ligar sempre e eu disse: “Olha Leopoldo, você só vai voltar a ser notícia, quando você for preso ou se você me der uma entrevista. – “Eu não posso aparecer! – “Então, você para de ficar telefonando, você agora só vira notícia se for preso. Aonde é que você está?” – “Estou num lugar assim, assim...” – “Ah, você não vai me dizer... Então, eu estou indo para aí.” – “Não venha porque eu estou de saída.” Era engraçado porque até com bandido, você conseguia se relacionar parece que eles eram mais corretos, eram outros tempos.

Então, a cidade era o forte. E tinha as denúncias, se a cidade não ia bem, tinha as denúncias. O governador aqui do Rio, que era antiga Guanabara, era o Negrão de Lima, que era um doce de pessoa, muito simpático, tinha um trato bom, uma conversa boa. E conosco do *Correio da Manhã*, ele era muito atencioso, muito cordial porque o jornal tinha apoiado ele contra o candidato do Carlos Lacerda, que era o Flexa Ribeiro. Lembro que na época apareceu pichado na rua uma coisa na

rua: "Negrão, só Pelé!" O pessoal do Flexa é que escreveu esse negócio. Ele [Negrão de Lima] era muito bom, a gente tinha sempre facilidade de conseguir informação porque ele passava informações para a gente em relação à cidade, porque a Guanabara era isso aqui, era a cidade do Rio de Janeiro. O estado da Guanabara era o Rio de Janeiro. E foi um período bom, o governo dele foi bom. Mas, agora, coitado! Ele entrou de gaiato na história da morte do garoto [Edson Luís] lá no [restaurante estudantil] Calabouço. Mas aí a Polícia Militar já estava sob o controle do Exército porque a segurança – principalmente a partir de 1968, mas antes já havia – porque havia a preocupação com a segurança do Estado em detrimento da segurança pública. Então, a Polícia Militar já era comandada por um oficial do Exército, ou um oficial que rezava na cartilha do Exército, que rezava o credo do pessoal do regime militar. Já era a época em que estava havendo o enfrentamento e a Polícia Militar era usada mesmo que o governador fosse contra.

Naquele dia, você foi ao Calabouço?

Não, essa cobertura eu não fiz. Eu fiz muita passeata de rua e tudo, vi muita coisa na rua, muita briga na rua... Uma outra história gozada do *Correio* é que o Luiz Carlos de Souza foi o personagem involuntário e o Peri Cotta foi um personagem mais presente nessa história. O Luiz Carlos de Souza foi fazer a cobertura da chegada do [presidente] Costa e Silva no Rio de Janeiro, lá no [aeroporto] Santos Dumont. Rolou um problema lá com a imprensa e a segurança do Costa e Silva. O jornalista do *Correio da Manhã* era o Luiz Carlos de Souza. Ele apanhou, coitado, num laguinho que tinha em frente ao aeroporto. Ele chegou no jornal todo amassado. E através das fotos, consegui-se identificar um dos policiais, que tinha as iniciais no cinto. E a gente tinha um pessoal conhecido da polícia, – não é que estivesse do nosso lado, mas estava contra os caras e, como nós estávamos contra também, – eles nos passavam as informações. E o cara identificou o sujeito e o *Correio da Manhã* publicou na matéria que o jornalista tinha sido espancado pelo policial Fulano de Tal, que serve em tal lugar... Aí o sujeito foi na redação do jornal falar com o Peri: "O que é isso? Vocês vão prejudicar a minha carreira! Porque eu não estava lá." O Peri: "Mas tem sua foto aqui, é você." – "Não, nunca fui lá. Eu não vou bater em jornalista." – Aí o Peri perguntou: "Aonde é que você estava?" – "Olha, eu vou contar para o senhor, mas só para o senhor. Eu estava aqui num hotelzinho com a minha namorada." – "Ah, esse aqui da esquina, o hotel tal..." – "É esse mesmo, o senhor conhece?" – "Conheço, passo todo dia ali." – "Eu estava lá, eu não podia estar batendo no garoto." Aí o Peri fez uma nota: "Esteve ontem em nossa redação o policial Fulano de Tal que disse que disse que não estava no Santos Dumont espancando o jornalista Luiz Carlos de Souza, mas sim no hotel tal,

na rua tal com a D. Fulana de Tal, sua amante.” O cara voltou louco no dia seguinte com um revólver, queria matar o Peri porque iria acabar com o casamento dele. O Peri disse: “Mas rapaz, eu livre a sua cara...” Isso era coisa que acontecia lá, jamais isso sairia n’*O Globo*, bem *O Globo* nem dava que alguém bateu no repórter dele.

Mas foi em 1968, nas passeatas, que a coisa começou. A cidade começou a ser o movimento estudantil. Numa ocasião, eu fui numa reunião numa igreja que tinha ali na praça Serdezelo Correia [em Copacabana], era muito bonitinha feita de cimento armado, ficava numa esquina com a [rua] Nossa Senhora de Copacabana. Hoje tem um prédio lá com um supermercado embaixo com a igreja modernosa lá no canto. Lá ia ter uma reunião da cúpula dos estudantes com o pessoal da igreja e aí ligaram para o *Correio da Manhã* mandar alguém. E lá vai o Bertoldo. E aí o cara disse: “Bertoldo, você pega um ônibus e salta em tal lugar. Quando você chegar, alguém vai encostar em você. E você segue, pára em tal lugar e fica. Depois você vai fazer uns roteiros até chegar ao ponto”. Eu não sabia ainda que era a igreja. Aí saltei e passou um cara: “Siga-me!”. Depois de três quarteirões, o cara sumiu, aí veio outro... Eu comecei a rodar por Copacabana. O último que passou por mim, eu disse: “Já estou cansado, resolve logo isso ou eu vou embora.” Aí foi, eu entrei na igreja e começou a reunião. Mas o curioso é que o cara disse: “Você pode falar que teve uma reunião, não pode dizer onde, em que foram traçados os rumos, que foi uma união da igreja com o movimento estudantil, mas não pode dizer quem da igreja.” Eu disse: “Poxa, não pode dizer nada! O que eu vou falar?” Eu escrevi uma matéria contando da união da igreja com o movimento e tudo. E saí dali escoltado, os caras me levaram num ponto de ônibus. – “Mas eu tenho dinheiro para o taxi.” – “Não, pega um ônibus.” Mas quando eu cheguei lá na igreja, eu era o único jornalista, porque eles confiavam no *Correio da Manhã*. Eles diziam para a gente aonde ia haver a concentração disso e daquilo, parecia até que havia uma cumplicidade. O que, de certa forma, havia, porque a gente tinha uma identificação com eles. Eu estive na cobertura de uma passeata, eu ouvi um rapaz da Rádio JB, era diretor da rádio, dizendo que a rádio tinha sido censurada. O *Jornal do Brasil* funcionava na avenida Rio Branco. E aí eu estava indo para o *Jornal do Brasil* e entro na Rio Branco pela Sete de Setembro, e aí veio o pessoal da última missa do Edson [Luís, estudante morto no Calabouço] na Candelária. Eles saíram da Candelária indo em direção à Cinelândia e eu indo em sentido contrário. E bomba de gás lacrimogêneo... A gente sempre procurava levar um limão, um pedaço de limão para colocar no lenço e cobrir o nariz para evitar cheirar aquele negócio e ficar chorando. Aí eu estou passando rente a uma parede e me puxam para dentro de uma agência bancária. Eu pensei: “Estou preso!” Não, era um cara da agência

bancária que me puxou para dentro para tentar me proteger. Eu fiquei ali, esperei passar e tudo. – “Você não fica aí não, garoto, porque a polícia hoje já bateu a beça... Fica aqui dentro.” Depois eu fui ao *Jornal do Brasil* e fiz a matéria de que a Rádio JB tinha sido censura, porque deu uma notícia que não podia. A cobertura do movimento estudantil tomou conta da cobertura sobre a cidade.

E como foi a passeata dos Cem Mil?

Na passeata dos Cem Mil, eu fui depois para o rescaldonão estive na passeata, pois entrava mais tarde no jornal. Então, fui fazer o rescaldo da passeata, tinha muita coisa para fazer, era uma grande manifestação. Havia uma discussão sobre o número [de pessoas], o *Correio* chegou aos cem mil porque era um número cheio. No dia seguinte, o *Jornal do Brasil* disse que não tinha cem mil, mediu a avenida e calculou quatro pessoas por metro quadrado, aí tinha sessenta e poucas mil. Mas naquela época, os jornais contavam o número, hoje não, os jornais se eximiram dessa responsabilidade. Então, o que o jornal faz? Dá dois números: “Segundo a Polícia Militar que fez a segurança da manifestação, tinha trinta mil pessoas. Segundo os organizadores, tinha 60 mil pessoas.” Aí os leitores não sabem quantas pessoas tem porque os jornais não contam o número, eles não sabem mais contar. Antigamente, os jornais contavam: “Cem mil!” Essa edição, o Peri editou esse jornal. E não foi passeata, foi marcha porque é irrecuperável a “Marcha da Família com Deus” e tudo mais, que foi a marcha contra. Depois virou “Passeata dos cem mil” e o número ficou consagrado, entrou para a história. Os sessenta mil do *JB* ninguém sabe, todo mundo ignora aquilo. O *Jornal do Brasil* ficou com esse preciosismo que não levou a nada.

Como era a Niomar?

Eu não tinha muito contato com ela. Ela vinha à redação eventualmente e tudo, mas eu não via a Niomar na redação. Bem, tive um contato com ela: uma vez o Aluísio me pediu para ir na casa dela. No *Correio* quando as matérias eram “recomendadas” tinham a retranscrição “cinco mil”, porque do redator ao linotipista, à revisão, todo mundo sabia que aquela matéria era recomendada. Aquele “cinco mil” era a dica, era a informação: “Não mexe, é do dono!”. Muito bem, eu fui levar uma matéria para ela. Subi o elevador, havia um hallzinho pequenininho lá, toquei a campainha, vem um mordomo, eu me identifiquei e ele disse: “Cadê a matéria?” – “está aqui.” Ele pegou a matéria, fechou a porta e eu fiquei naquele cubículo sem ventilação com uma luz acesa na minha cabeça. Passou quinze minutos, ele voltou e disse: “Está aqui, dona Niomar mandou entregar. Não tem nada para mexer.” Foi o primeiro contato que eu não tive com ela. Depois, a encontrei num jantar dos

gaúchos – acho que era um pessoal do Rio Grande do Sul, uma associação rio-grandense – na Hípica, em que estava o Costa e Silva. Isso foi antes do AI-5. Aí fui até ela atendendo um pedido do Fuad Atala, que era chefe de reportagem, que disse: “Chegando lá, procura pela dona Niomar e pergunta se ela quer alguma coisa, se ela tem alguma orientação especial”. Fui, me apresentei e ela disse: “Já te conheço, já te vi lá na redação.” Pensei: “Melhor assim, já fica mais fácil.” – “A senhora quer alguma coisa?” – “Não, não, pode fazer a sua cobertura à vontade.” O Costa e Silva não ia falar, passei a matéria para o jornal e disse: “Fuad, o Costa e Silva não vai falar.” – “Já estou sabendo.” Depois de ter passado a matéria ainda fiquei na Hípica conversando com uma recepcionista, uma gauchinha e, de repente, o Costa e Silva fala, resolve falar. Aí tomei nota e, nesse meio tempo, a Niomar telefona para o Peralva, que era o editor-chefe: “Peralva, o presidente falou e ninguém estava aqui para cobrir.” – “Como assim? Não é possível. Espera um pouco que eu vou falar com o Fuad.” O Fuad disse: “Não, eu já liberei o Bertoldo.” – “Como liberou?” – “O presidente não ia falar, não ia adiantar ele ficar lá.” – “Mas ele falou!” – “Perdemos.” Abaixa o pano, sai o Fuad e o Peralva de cena, eu ligo para o Fuad: “Fuad, é o Bertoldo.” – “Bertoldo, onde você está?” – “Eu estou aqui na Hípica porque o presidente resolveu falar. Estou com a notícia aqui para te passar.” Bem, disso eu aprendi duas coisas: primeira, é que a Niomar estava ligada nas coisas e, segunda e mais importante, que o Fuad era uma pessoa confiável. Se fosse outro, talvez dissesse: “Não sei do Bertoldo, sumiu.” Ele assumiu a responsabilidade, o que também era uma característica das pessoas que trabalhavam no *Correio da Manhã*. Então, esses são os dois contatos que eu tive com a Niomar, um é um contato e o outro foi um não-contato. E a outra história da Niomar que eu me lembro é que, quando ela foi presa, o Paulo Francis – que tinha sido preso também e ele era do *Correio* – cunhou uma frase que só vale no caso da Niomar. Ele disse o seguinte: “A dona Niomar é o único homem dono de jornal”.

E como era a atuação dela no jornal?

Ela não se metia diretamente, sabe. Quando ela queria alguma coisa, ela falava com o Peralva e ele transmitia. Mas eu nunca percebi o dedo da Niomar, nunca percebi ela mandando, fazendo e acontecendo. Numa ocasião, ela estava cotada para ganhar um Golfinho de Ouro e não foi escolhida. Eu tinha até ido cobrir isso e aí falei: “Aluísio, aconteceu isso.” Ele disse: “Ó, faz a matéria.” Ela não falou nada e a matéria saiu no dia seguinte que ela não tinha sido eleita.

Quem era a cabeça do *Correio da Manhã*?

Era o Peralva, a cabeça era o Peralva, antes dele tinha sido o Nilton Rodrigues. O Peralva era jornalista, a Niomar não. A Niomar esteve no *Correio da Manhã* porque ela foi a segunda mulher do Paulo Bittencourt. Ele morreu, o jornal ficou com ela. O título ficou com ela, o prédio ficou com a primeira mulher dele. – “Isso nunca vai dar certo! Essa partilha nunca vai dar certo!”. Mas a cabeça mesmo era o Peralva, vinha dele. Mas quando chegava na redação, as responsabilidades e as decisões eram tomadas por cada um, principalmente pelo Aluísio. A seleção do que saía e como é que ia sair, o Aluísio é que decidia isso e conversava com o Peralva. Mas ele já levava o prato feito e o Peralva podia botar um pouco de sal e de azeite, mas o Aluísio é que era a cabeça. Esse cara baixinho que me surpreendeu, ele é que era a cabeça, ele tinha o jornal todo na cabeça, todas as notícias passavam por ele. Tudo passava por ele. Ele sabia de tudo, ele tinha a pauta, o que estava chegando, o que não estava na pauta. O *Correio da Manhã* sempre tinha que ter uma matéria de primeira diferenciada, o *Correio da Manhã* não esperava as coisas acontecerem, fazia a coisa acontecer: “Tem um problema no Ministério da Fazenda, não vamos esperar o ministro se pronunciar. Vamos provocar para fazer a matéria.” Então, o *Correio* tinha sempre uma matéria diferenciada, ele não tinha só aquilo do dia-a-dia só não. O que aconteceu e o que ainda ia acontecer, ele tinha, mas tinha uma matéria diferenciada que, geralmente tinha chamada ou era até manchete do jornal. Isso era um diferencial do jornal. E era a cabeça do Aluísio, como chefe de reportagem, tudo.

A prisão da Niomar teve alguma influência sobre o jornal?

Influência teve: você está com o dono preso. O jornal continuou batendo [no regime]. Não houve a orientação: “Ah, vamos refrescar o governo.” Não houve isso, o jornal continuou como se nada tivesse acontecido, mas é claro que tinha acontecido! Mas a posição do jornal continuou a mesma, não houve mudança. – “Agora vamos tirar a Niomar de lá, vamos ficar bonzinhos com o governo.” Não, o jornal continuou do jeito que era porque... Isso ninguém precisava falar com ela, isso era dela mesmo. A Niomar era – vou usar a expressão que se dizia antigamente – “porra louca”! Ela entrava direto, ia de cabeça, mergulhava de cabeça. Essa era a sensação que me dava. E nunca a vi na redação ou nunca soube de uma história dela dizendo faz assim, faz assado. A gente tinha essa liberdade.

Mas o jornal começou a perder anunciante?

Começou porque o que eu soube na época é que as agências foram convidadas entre aspas a não dar tanto anúncio para o *Correio*. Então, como as agências dependem muito do governo, tem muita publicidade de órgãos públicos que elas

faziam, principalmente, das estatais, que eram em maior número. Então, elas saíram do *Correio*, o anúncios institucionais também saíram do *Correio*. Restou um anunciozinho pequenininho de varizes que era um médico que ia lá botava porque lia o *Correio da Manhã*, ele é que fazia o anúncio e botava lá. Cinco centímetros de altura numa coluna: "Tratamento de varizes. Dr. Fulano de Tal..." Saía lá, foi esse o único anúncio que restou. Aí o *Correio da Manhã*, nas matérias censuradas começou a botar – porque não podia deixar espaço em branco – quando a censura não autorizava... Para você ver que absurdo! A censura não autorizava... A censura não deixava, proibia que a página saísse em branco e o *Correio da Manhã* caracterizou a censura com os espaços em branco. Aí como isso foi impossível, para não prejudicar a circulação do jornal, saiu um anúncio: "Uma luz que não se apaga." Que era para substituir as matérias censuradas não ia substituir porque não tinha mesmo. E foi aí que a gente sentiu, porque o jornal começou a ficar mal, só não ficou mal de início porque tinha reserva de papel. Naquela época, o papel era subsidiado, era importado e havia subsídio para o papel e o *Correio* tinha uma reserva. Agora, para ele importar papel, tinha que ter autorização do governo e, se ele não tivesse reserva, não ia poder sair porque o governo certamente não ia dar autorização para ele comprar papel. E sem papel, não tem jornal. Então, tinha isso, o jornal parou de fazer serviços para fora, imprimir jornal para fora para guardar papel para ele. O jornal afinou, ficou magrinho e por aí foi, foi... e acabou.

E quando o *Correio da Manhã* foi arrendado, você se lembra desse episódio?

Lembro. A gente achava que o jornal ia até melhorar, mas depois quando a gente soube quem era – a gente chamava de "os irmãos bobagem" – eles eram donos de uma construtora, acho que era a Metropolitana. E eles iam alavancar a candidatura do Mario Andreazza, o que era impossível porque ele não tinha quatro estrelas, era coronel, não tinha nem chegado a general. Era inviável, mas eles queriam forçar porque o Andreazza era o ministro das grandes obras e todas as empreiteiras o adoravam. Eu cheguei a viajar umas ocasiões com o Andreazza, ele era uma pessoa muito simpática, muito acessível, mas era do outro lado. Ele me tratava muito bem e tudo porque o pessoal do jornal ia acompanhando para ver as obras. Depois aquilo começou encher o saco e eu não fui mais não. Ele me deu até uma carona da Bahia, numa ocasião, eu vim para o Rio de carona de avião. Mas aí esse pessoal assumiu e a primeira coisa foi descaracterizar o jornal. Levaram para lá o Reynaldo Jardim, um irmão do Joel Silveira cujo nome eu não me lembro, acho que era Mario Silveira, que passou a fazer a primeira página. Começamos a ter problemas com o Reynaldo, porque ele diagramava o jornal antes de termos as

notícias, o que é uma coisa meio absurda. Como é que você vai fazer uma diagramação? Nisso o Mario tinha que preencher os buracos com as matérias. Depois ele criou uns títulos absurdos, tinha um título que era "seis linhas de noventa batidas", com uma palavra forte. Isso matava, atrasava o jornal a beça. Depois começou a fazer um título que vinha no meio da abertura. Você fazia como se fosse um lide, no meio saía um título com uma palavra maior, vamos supor, corpo 20, e o texto em corpo 9. Olha, era uma loucura você fechar o jornal, atrasava todo dia. Aí ele começou a implicar com a [editoria de] Política que era onde estava concentrado o pessoal antigo e aí foi... Eu estava na Internacional, ele levou para lá um rapaz chamado Galeano de Freitas e a primeira coisa que ele fez foi botar lá um sub-editor que nunca tinha editado. Todo dia atrasava ou todo dia sobrava matéria. O outro coitado era não sei o que Jones, o Guillon botou o apelido nele de [Buck] Jones, o rei do faroeste. Ele estava fazendo jornal e não sabia nada, coitado. Bom sujeito, inteligente, culto, preparado, mas não conhecia jornal, não sabia a cozinha de jornal. E toda noite, a gente tinha que fechar o jornal para ele. E o Galeano afastou a gente, nos colocou de lado. A gente ficava em pé, eu, Guillon e Zé Fernandes, e ficávamos lá os três patetas, não tinha nem lugar para sentar. Aí o Cícero Sandroni me levou para a Política, o Guillon foi aproveitado para trabalhar com o Silveira e o Zé Fernandes foi para a revisão porque o jornal estava saindo com muito erro. E, da Política, eu fui embora. O Cícero também saiu, saiu um bando de gente. Numa dessas levas, eu saí do *Correio*.

Você disse que quando houve o arrendamento, vocês achavam que o jornal poderia melhorar?

Você tem sempre esperança. A primeira conversa sobre arrendamento foi com *O Estado de São Paulo*, que queria arrendar o *Correio*. Mas segundo consta, não arrendou porque a Niomar queria um espaço na terceira página para publicar as coisas dela e *O Estado de São Paulo* não aceitou isso e não arrendou o jornal. Mas arrendou para esses empresários que não pagaram a ela, não deram espaço na terceira página. Roubaram o jornal, mataram o jornal.

Eu saí de lá, acho que um mês ou dois depois do arrendamento. Tinha tanta gente na redação que, para você entrar, tinha que empurrar a porta para passar e entrar. Eu chegava e a minha mesa estava sempre ocupada. O copidesque tinha mesa, mas depois das seis horas, ninguém podia sentar nas mesas do copidesque, porque estavam sempre ocupadas pelo pessoal que ia fazer o jornal. Eu chegava lá todo dia e tinha sempre tinha gente sentada. Aí o editor - eu não me lembro o nome dele, era um senhor, sempre dizia: "Bertoldo, tira o pessoal daí, você tem que fazer o jornal." - "Eu não vou tirar o cara, o cara está trabalhando, está escrevendo". -

"Tem que tirar, a mesa é sua. Sai daí garoto!" - "Não, rapaz, fica aí, acaba de escrever." Eu disse: "Tenho que resolver esse problema. Eu vou atrasar o jornal e vou me atrasar também." Aí quando terminava o expediente, eu pegava a máquina de escrever, pegava as vogais do teclado da máquina, são cinco só, metia no bolso e ia para a casa. Quando eu chegava no dia seguinte, minha mesa estava vazia. Era a única mesa da redação vazia, eu botava as minhas letrinhas e podia trabalhar.

Tem uma coisa gozada que eu queria contar: o *Correio da Manhã* fazia concurso de redação nas escolas como o [Colégio] Pedro II e no Colégio da Aplicação. Um desses ganhadores vocês conhecem foi o George [Vidor]. Vocês conhecem essa história? Ele ganhou esse concurso de redação, ele era um garoto. Eu também era um garoto. Ele sempre sentava na minha mesa lá na Internacional. - "Desculpe, eu estou no seu lugar." - "Não, pode ficar, pode acabar de escrever aí." No *Correio da Manhã* tinha isso aí, tinha festa no teatro em frente para premiar os ganhadores do concurso de redação. O *Correio da Manhã* estimulava isso. Estimulava a leitura, coisa que os jornais não fazem porque os jornais de hoje não querem mais leitores, eles não precisam. Eles querem anuncio. Então, se você quer vender o seu produto, precisa de gente que leia, para você ter gente que leia, precisa que essas pessoas sejam alfabetizadas que aprendam a ler e a escrever. Ou que aprendam a ler pelo menos! Mas os jornais não se interessam por isso, não fazem campanha pela educação. Os absurdos acontecem aí e os jornais não falam nada, nada. Quer dizer, não criam leitores e, quanto mais gente burra tiver, menos leitores eles vão ter. Aumentou a população e o numero de jornais diminuiu, proporcionalmente caiu. E o jornal te faz pensar, quando você lê, você pensa. Quando você vê não, acabou aquilo, isso sumiu. Se eu te perguntar qual foi o anuncio que passou ontem no Jornal Nacional, você não sabe. Qual foi a principal noticia do Jornal Nacional? Ninguém sabe, já passou, acabou. O sujeito sai da novela, ninguém mais se lembra daquele ator. Aquela Tônia Carreiro, que fez uma carreira de sucesso formidável, disse que um dia encontrou um garoto que disse: "Ah, você faz aquele anúncio de Davene." Ela ficou marcada porque fez o anúncio de Davene, mas na época era uma atriz. Então, sem leitor não tem jornal e os jornais não querem leitor.

Embora você já não estivesse mais no *Correio da Manhã*, você acha que o fato dos irmãos Alencar terem usado a estrutura e o nome do jornal para fazerem um outro jornal, que era de informação econômica, ajudou a acabar com o *Correio da Manhã*?

Acabaram com o *Correio da Manhã* primeiro porque eles eram burros e, contra a burrice, não tem jeito. Burrice e chatice não têm jeito e eles eram extremamente

burros. Eles acabaram com uma voz da oposição do governo e tentaram vender um candidato que não tinha condições. Não pagaram a Niomar, esses caras não costumam pagar, só pagam quando tem dinheiro publico. A mão no bolso, eles não metem. Enfim, eles só tinham a ganhar, ano tinham nada a perder. E aí deu no que deu, fez o *Diretor Econômico*, fez tudo... Eram coisas paliativas, eles não eram do ramo e eram burros. A forma que eles fizeram o jornal não podia dar certo, você não muda um jornal, você perde o que tem e não ganha. Ganhar é difícil, você perde, vai perder só. Ganhar, pode ser que você ganhe, mas você vai perder. Pegando o futebol: se você tira o Pelé do time, você vai perder; bota o Obina, o que você vai ganhar? Não há mistério. Agora, você fez uma mudança, e o que aconteceu? Você perdeu, o jornal mudou, eles não respeitaram os leitores. Bem, eles não se davam ao respeito, iam respeitar quem? E eram burros, o que eles fizeram lá foi um festival de burrice.

Eles também arrendaram a *Última Hora*.

Arrendaram.

Você foi para a *Última Hora* e eles estavam lá também?

Estavam lá também. O *Correio da Manhã* era do lado, fisicamente era do lado. O cara que fazia o *Correio da Manhã* estava ao lado. Quando eles acabaram com o *Correio da Manhã*, o cara que fez a matéria para a *Última Hora* sobre o fim do jornal me falou assim: "Quer escrever, Bertoldo?" - "Eu vou escrever sobre o quê? Sobre o que não existe? Esse jornal que está fechando hoje, não é o meu jornal, eu não tenho nada a ver com esse daí. Faz você, eu não vou fazer essa matéria, não vou escrever essa matéria".

Acabou, acabou. Sabe, terminou, terminou. Não tem volta não. Fiquei com pena, mas com pena de mim e não do jornal, porque foi lá que eu tive um bom momento. Muito também porque eu quis ter um bom momento, eu fiz para ter um bom momento, eu briguei para ter um bom momento. Sabe, eu aprendi uma profissão ali, sou grato ao *Correio* por ter aprendido uma profissão. Mais grato às pessoas que estavam no *Correio*, grato ao Peri, ao Fuad, ao Aluísio, ao Paulo Francis que me deu oportunidade, sabe, ao José Fernandes, sou grato a essas pessoas. Acredito que se tivesse encontrado com elas em outros lugares, talvez elas pudessem ter me ensinado uma profissão, só que no *Correio* foi mais fácil, elas estavam todas ali, o ambiente e tudo mais, era uma época muito boa, época muito boa. Ninguém acreditava que a ditadura fosse durar vinte e um anos! Quando o AI-5 foi extinto, eu parei pra pensar e disse assim: "Como essa coisa durou esse tempo todo? Como é que durou esse tempo todo? Como é que uma coisa errada pode durar tanto

tempo num país esclarecido?”. Porque existiam pessoas esclarecidas por aqui nesse país. É a mesma coisa que eu me indago: como é que a Alemanha caiu no nazismo? Como é que a Itália caiu lá no fascismo do Mussolini? Em dois países que têm cultura, que possuem um passado, como é que essas coisas vão acontecer? E como é que aconteceu essa cambada de golpes na América Latina? Porque tinha uma cabeça lá em cima que norteava isso tudo. O negócio do comunismo... o comunismo, coitado, acabou. Eles se acabaram. Porque essas coisas acabam por dentro, não é de fora não, essas coisas se acabam por dentro. Quem acabou com o comunismo foi o Gorbachev, sabe, que nem era comunista, ele acabou com aquilo. Quem acabou com a “revolução” [de 1964] foram eles mesmos, aqueles que fizeram bobagens, acabou. Graças a Deus que fizeram bobagem! Acabou. Não consegue mais sustentar a coisa e acaba por dentro. É por dentro a doença está ali dentro porque é uma coisa errada, então, eles vão começar a se comer e a podridão vai tomar conta do corpo, e aí morre. Aqui eles ainda preservam um pouco, se defendem um pouco, conseguiram esconder esses documentos, o que não aconteceu nem na Argentina nem no Chile. No Chile, eles ainda estão meio cheio de dedos, mas na Argentina, já se sabe, pelo menos já tem culpados, aqui no Brasil não se tem culpados. Ninguém é culpado aqui. Aliás, o Brasil tem essa característica, aqui no Brasil ninguém é culpado, ninguém é culpado. Aqui é uma fatalidade. Sujeito mete o carro em cima de uma pessoa no ponto de ônibus é uma fatalidade.

Bertoldo, então a *Última Hora* para a qual você vai, assim como o *Correio* também tinha sido descaracterizada. A *Última Hora* que você encontra não é mais a *Última Hora* do [Samuel] Wainer, não é isso?

É, também já era do Ari Carvalho, que depois quando comprou [jornal] *O Dia* passou a ser chamado de doutor Ari. Doutor Roberto Marinho também, quando trabalhei n’*O Globo*, era Roberto Marinho só. Chegava de fusca no jornal e subia com a gente no elevador. De repente, virou doutor, não sei onde ele estudou. Aliás, o livro com o qual ele entrou para a Academia [Brasileira de Letras], que é um livro de artigos foi feito por um *ghostwriter* dele, o Franklin de Oliveira que, n’*O Globo*, escrevia editoriais a favor do governo e no *Correio da Manhã* escrevia editoriais contra o governo. Franklin de Oliveira é que era uma sumidade, muito bom. Ele tem um livro sobre a Semana de Arte Moderna de 1922 que é excelente, ele acaba com aqueles caras todos. Quando eu trabalhei com o Samuel na *Última Hora* a redação era muito boa. Estava lá o Pinheiro Júnior, tinha o Maneco Müller, tinha o João Ribeiro, que era o mancheteiro deles. E eu fui pra lá fazer futebol, e eu me lembro de uma edição antes do Brasil embarcar para Copa de 1970. Teve um jogo

contra a Áustria aqui no Maracanã. O Brasil ganhou de 1 a 0, com gol de Rivelino. E o Samuel chegou na redação às 7 horas da noite: "Vamos fazer uma edição extra porque vai vender tudo." E começamos a fazer cinco linhas. Tinha um lance, você fazia cinco linhas e mandava para a oficina. Aí mandou dois fotógrafos para o Maracanã, os dois fizeram em 10 minutos e trazem os filmes para revelar, só que um filme velou e o outro veio uma porcaria. Samuel ficou desesperado pegou a foto assim: "Põem quatro fotos aqui..." E pá, pá, pá, tirou quatro pedaços. -"Publica." Olha, vendeu 50 mil exemplares. Dez minutos depois do jogo, o jornal já estava na rua. A garotada pegando o jornal e saindo em direção ao Maracanã, vendeu tudo. Nunca vi uma coisa dessas. E todo mundo ansioso, porque quando faltava parece que dez minutos pra terminar o jornal estava fechado, mas parado, ainda não tinha rodado, e todo mundo torcendo pra não sair nenhum gol, porque senão ia ter que mudar. E não saiu nenhum gol. Conseguimos uma foto do Rivelino - acho que de arquivo - ele vibrando quando fez um gol. Aí cortou, só deu ele, não tinha fundo, ele com a camisa da seleção pulando festejando um gol que não foi daquele jogo, foi de outro. Porque do gol mesmo, não saiu, não tinha, e vendeu horrores. O Samuel era desse tipo. Ele criou a expressão "João sem medo", que era o João Saldanha, que tinha sido técnico e aí eu fui eu cobrir o afastamento, a demissão do João Saldanha da seleção. Ele estava lá na sala discutindo e tinha só um elevador para sair, eu coleí na porta do elevador. Quando ele saiu de lá com aquela enxurrada, eu entrei com ele no elevador e do andar da presidência até lá embaixo eu fiz minha matéria com ele. Ele disse uma coisa muito engraçada: "Engraçado, pensei que esse João Havelange fosse meu amigo, até outro dia aí ele me abraçou e me beijou, minha mulher ficou espantada, mas como minha mulher me conhece, sabe que o homem sou eu." O João Saldanha era muito malvado, muito crítico e ferrenho nessas observações. E depois saí de lá e fui para o *Jornal dos Sports*, mas também fiquei pouco tempo.

Mas deixa eu te perguntar uma coisa, Bertoldo. Então, você ainda pega o Wainer na *Última Hora*?

Pego, Pego.

Ele vendeu o jornal para os irmãos Alencar e eles venderam para o Ari de Carvalho?

Vendem para o Ari de Carvalho. Depois o Ari de Carvalho vende em uma transação que teve uma assessoria de um sujeito que foi ligado ao Banco Nacional e compra [o jornal] *O Dia* por um preço de banana. E com *O Dia*, ele traz *A Notícia*. Porque *O Dia* tem uma história muito curiosa, acho que você deve saber disso. Havia um

jornal chamado *A Notícia* que era do Ademar de Barros, era um vespertino. E o Ademar de Barros foi para o exílio, acho que foi para a Bolívia, é um lugar horrível para se ficar exilado, mas foi para o exílio. Era uma história das urnas marajoaras, uma complicação aí de corrupção. O Ademar era muito engraçado e num comício lá em Juiz de Fora, quando era estudante lá, ele bateu no bolso e gritou: "Nessa calça nunca entrou dinheiro público!" Aí um sujeito grita lá de trás: "Calça nova!". Aí o Ademar não podia mais ficar com o jornal, passou para o Chagas Freitas que era o correligionário dele aqui no PSP, Partido Social Progressista, para o Chagas tomar conta d'*A Notícia*. O que o Chagas fez? Criou *O Dia*, que é dele, Chagas Freitas, mas que usava *A Notícia* do Ademar. Ele valorizou *O Dia* e enfraqueceu *A Notícia*. Quando o Ademar chegou, *A Notícia* era só aquele pedaço de papel pintado só. E aí surgiu [o jornal] *O Dia* dele, Chagas Freitas, e aí o Ademar passou *A Notícia* para ele. E foi isso, sabe, aí o Ari pegou o jornal, aí eu trabalhei com o Ari na *Última Hora*, ele era dono da *Última Hora*. Depois vim a trabalhar com o Ari n'*O Dia*, quando as pessoas chamavam ele de doutor Ari, n'*O Dia*. Quando nos encontramos no jornal, ele falou: "Oi, Bertoldo, você por aqui?" – "Oi Ari, como vai, tudo bem?" Aí uma menina disse assim: "Você não chama ele de doutor Ari não?" – "Eu não, conheço ele desde criança".

Bertoldo, você passou por vários veículos que desapareceram ao longo da década de 1970, como a *Última Hora*, o *Correio da Manhã*, o *Cruzeiro*. Como você vê esse novo desenho que esse mercado de jornais e revistas passou a ter?

Já parei para pensar nisso, mas te confesso que não foi por muito tempo não. O jornal hoje é uma indústria, a indústria da notícia, ele não é mais uma indústria de idéias. Não é mais um veículo de idéias, é um veículo de informação com aquela informação comprometida. Você hoje lê *O Globo*, lê o *Jornal do Brasil*, lê o *Diário Oficial* e não tem diferença nenhuma. Você não sente esse negócio aí da milícia e tudo. Não vou dizer que a imprensa tenha culpa disso, mas eu acho que houve um pouco de descaso da imprensa em relação às autoridades. Não se cobrou. Os jornais não fazem mais campanha, não defendem suas idéias, talvez porque não tenham idéias e aí foi acabando, o leitor foi se desinteressando. O jornal não fala o que ele quer. Você não vai comprar um livro, se você não se identifica com esse livro, você vai comprar um livro que tenha alguma coisa que te interessa. Você não vai comprar um jornal que não tenha nada que te interesse. Os jornais criaram brindes: "Compre o jornal e ganhe isso e tudo..." Acabava a promoção e o jornal não vendia mais, porque o jornal não tentava melhorar com aquela promoção: "Vamos fazer um jornal melhor, aproveitar que estamos fazendo uma promoção

que vai atrair gente, vai atrair compradores...” Não é nem leitores, vai atrair compradores e faz com que num segundo momento esse comprador do brinde vire um leitor de jornal. Mas não fizeram nada, continuaram a fazer a mesma porcaria. E aí você não tem mais leitor. Para você ter um leitor, primeiro o cara precisa saber ler e, segundo, ele precisa ter uma afinidade com aquele jornal, sabe. Se ele não tem uma afinidade, ele não vai comprar o jornal. Estes jornais populares estão vendendo muito, por quê? Porque é um jornal pequeno, fácil, um subproduto dos outros. O que sai e não é aproveitado no *O Globo* vai para os outros. Na última vez que eu trabalhei no *O Globo*, em 1982, eu acho, você fazia cinco cópias da matéria. Quando você era redator e ia reescrever uma matéria você tinha que reescrever com cinco cópias: Uma ia para o jornal, uma era arquivada, uma ia pra *Agência Globo*, uma ia pra *Rádio Globo* e outra ia pra *TV Globo*. Você trabalhava pra quatro veículos: o jornal, a agência, a rádio e a televisão. Ganhava por isso? Não, tirava era vaga, tirava emprego, posto de trabalho de pessoas que poderiam estar lá. Aí o que aconteceu? Vai todo mundo para a assessoria de imprensa, que é onde tem lugar. O jornal não tem gente para cobrir, não tem condição de estar em todo lugar, aí pede release, aí sai release, o jornal publica release. A coisa é tão absurda, rapaz! Eu estava no *O Dia* e o jornal estava esperando uma matéria paga. Nunca vi isso: no *Correio da Manhã*, a publicidade fechava às 7 horas e quem tivesse que morrer, morresse até as 7 porque nem anúncio de missa de falecimento entrava. O jornal fechava às 7 e eu estava lá até às 11 horas da noite esperando um release de um cliente do jornal. E o release veio errado ainda: “A princesa Isabel proclamou a escravidão”. Eu ainda tenho esse release lá em casa. Olha eu fiquei chocado e perguntei: “Vai sair isso tudo?” Aí o garoto leu e disse: “Tem que sair isso tudo.” –“Então, tá pronto, mas acho bom ler porque está errado.” Aí o outro foi ler: “O que é isso? Isso está errado, a princesa Isabel não proclamou a escravidão, nem o D. Pedro II proclamou a República.” E é isso, também não tem cuidado, as pessoas não acreditam no jornal. Aliás, é uma coisa muito gozada, né, quando a pessoa diz: “Ah, isso foi assim e assado.” E o cara diz: “O que isso, não é possível.” E o outro diz: “Saiu no jornal.” Mas se o cara é contra, então, ele diz: “Ah, jornal mente”. E fica essa coisa dúbia, a mesma coisa com criança, você chega e fala para o seu filho e diz: “Você não está mais em idade pra fazer isso, você não é mais criança!” Daqui a dez minutos você diz pra ele: “Não faz isso que você ainda é criança!” E o leitor é a mesma coisa, agora ele não tem mais interesse porque ele não tem mais identificação com o jornal. Ele não se vê mais no jornal, porque os jornais se descaracterizaram muito, hoje você não tem jornal. Antigamente, acho que o *Jornal do Brasil* vendia muito porque tinha muito papel, então, feirante comprava *Jornal do Brasil* para embalar banana. E não existe coisa

mais velha do que o jornal do dia seguinte, pois o jornal é perecível, ele tem vida curtíssima. A revista você ainda vê com dois, três meses de atraso lá no consultório, agora o jornal nem do dia seguinte você encontra. Então, é um produto perecível, e, se ele não for interessante, ninguém vai comprar. Ele hoje está custando um litro de leite, não é?

Qual a sua opinião sobre uma iniciativa como esta, de resgatar a memória do jornalismo?

Eu acho isso bom, porque depois não vão dizer por aí que brasileiro não tem memória. Brasileiro tem memória, não esquece não. Só as pessoas que não gostam que o brasileiro tenha memória que dizem isso. Mas acho isso muito bom porque registra um período muito importante não só da história do jornalismo. Quando eu falo jornalismo eu falo das pessoas como também da imprensa dos jornais, e situa isso aqui num momento da história do Brasil. Quer dizer que você tem o profissional, o veículo, o jornal e o Brasil. Isso tudo junto, isso tudo visto por pessoas que, de uma forma ou de outra, estiveram direta ou indiretamente estiveram presentes nas redações, nos jornais, no contato com as pessoas, fazendo aquele jornal naquela época específica. Eu acho que essa iniciativa não deve se estender só para a história da imprensa, do jornalismo, enfim. Eu acho que se você abre horizontes e procura as pessoas vinculadas à imprensa, até o anunciante o cara que vende papel, enfim, fechar o cerco de todo mundo que de uma certa forma esteve ligado a isso, eu acho interessante. Um fenômeno que aconteceu e você deve ter percebido isso, você hoje entra numa banca de jornal, você vê poucos jornais, mas a quantidade de revistas, é uma enormidade, é uma coisa fantástica, porque a revista é barata. Eu trabalho lá na [revista] *Conjuntura [Econômica]*. Duas pessoas fazem a revista: pedem os artigos, encomendam, dão a pauta... Eles mandam os artigos e você faz a revista, sabe, ela se faz de fora, não se faz de dentro, antigamente se fazia de dentro. A *Cruzeiro* tinha uma equipe de reportagem enorme, mas hoje não acho que só essas revistas semanais é que tem um quadro de repórteres e correspondentes. As outras revistas têm de duas a três pessoas. Aí bota lá colaboradores dessa edição, aí parece que é uma coisa monstruosa, mas você entra lá, abre a porta, tem duas pessoas. Porque é isso, porque ela quer anúncio. Hoje a imprensa - isso e um modo geral não vamos dizer que tudo - mas hoje os jornais e revistas são grandes veículos de publicidade. Você abre uma [revista] *Veja*, só tem publicidade. Lógico, tem gente que compra, lê e tudo. A *Veja* teve uma época que estava tão desacreditada que era conhecida como a "Manchetinha de São Paulo", porque a *Manchete* aqui não tinha valor jornalístico, apesar de ter tido bons jornalistas. A *Veja* é isso e hoje tem uma coisa que... ela

hoje é governo, não governo Lula, mas é um empreendimento industrial. Uma ocasião fui a São Paulo fazer um *free-lance* para a [revista] *Quatro Rodas*, peguei um táxi e disse que queria ir para a editora Abril na Freguesia do Ó [bairro paulista]. Aí o cara disse assim: “Ah, o senhor vai na fábrica de revistas?” Para ele aquilo era uma fábrica, não era uma editora. E era uma fábrica mesmo, tinha tudo contadinho, tudo marcadinho, essa entra revista tal, essa hora a revista tal, o caderno da revista tal. Tudo marcado e cronometrado, era uma linha de produção de revistas. Eu acabei não falando dos outros jornais que eu circulei, mas acho que já está bom. Eu quero agradecer, dizer muito obrigado a vocês pela oportunidade e espero que vocês continuem assim, e se precisar de alguma coisa ou se eu me lembrar de alguma coisa, de algum documento que eu tenha, de algum papel que eu tenha, eu trago para vocês. Eu acho que eu tenho lá em casa um papelzinho do *Correio da Manhã* dizendo que eu era estagiário...